

“Política e Politização”

“Politics and Politicization”

Em tempos de grandes mudanças políticas a nível global, entrevistamos Gilberto Felisberto Vasconcellos, sociólogo e professor do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, a fim de compreender a complexa relação entre política e sociedade.

Primavera Borelli – *Há várias concepções sobre a palavra política, inclusive quando usada como adjetivo. Afinal, o que é política no campo da sociedade?*

Gilberto Vasconcellos – Política para o povo é pior do que vender a mãe. O mais interessante é que os políticos, deputados e senadores, que vivem da política, usam a palavra política em sentido pejorativo. É preciso sempre prestar atenção na conotação da palavra política. O significado da política remete a um mundo dividido, a um mundo do conflito e do antagonismo, e isso ocorre assim porque o mundo real é um mundo dividido em classes. Não existe política como atividade autônoma.



DIANA HELENA DE
BENEDETTO POZZI,
WALDENYR
CALDAS, PRIMAVERA
BORELLI E CHRISTIANE
WAGNER

Universidade de São Paulo.
Pró-Reitoria de Cultura e Ex-
tensão Universitária, São Pau-
lo, Brasil

GILBERTO FELISBERTO
VASCONCELLOS

Universidade Federal de Juiz
de Fora. Instituto de Ciências
Humanas, Minas Gerais, Brasil

Suzana Avelar – *Como podemos entender o significado de política, para além das instâncias de poder público?*

GV – Política, dizia Leonel Brizola, é briga de foice no escuro. Política para lembrar Leon Trotsky, é luta de interesses, cujos vencedores não o são porque são mais inteligentes ou porque usam argumentos melhores elaborados, se isso fosse verdade, Leon Trotsky e não Stalin teria dado a orientação do poder soviético depois da morte de Lênin. Poder público e poder privado não são entidades separadas, ambas operam em função da luta de classes. Afinal, o Estado, na definição clássica, não passa de um comitê dos interesses das classes dominantes.

Waldenyr Caldas – *O poder*

Legislativo em uma Democracia Representativa se constitui em legítimo representante do povo. Por que no Brasil essa mesma Democracia Representativa transfere o poder final de decisão ao poder Judiciário, na instituição do STF (Supremo Tribunal Federal), judicializando as decisões que deveriam ser tomadas pelo poder Legislativo que é formalmente o representante da sociedade entre os três poderes?

GV – A questão dos Três Poderes não deve ser analisada em si mesma, mas como reflexo da estrutura de classe na sociedade brasileira. O atrofiamento do poder judiciário, no sentido de interferir nos rumos da política, é consequência da pós-ditadura. A ditadura brasileira se iniciou em 1964, foi compreendida como uma usurpação do poder pelos militares, deixando de lado a sua essência: a organização do poder econômico pelas multinacionais. Fato, é que a predominância do judiciário não afetou em nada a organização desse poder multinacional. O que devemos nos perguntar é porquê, qual o motivo de terem acontecido vários golpes, simultaneamente, na América Latina. A substituição dos militares pelos juristas não

altera a infraestrutura econômica da sociedade. A ciência política, que não consegue superar a herança dos bacharéis não atenta para a transferência de excedente da economia brasileira, ou seja, a operação de repatriar os lucros dos países subdesenvolvidos para os centros metropolitanos. Existe uma ilusão – para não dizer má fé – de que bastam eleições parlamentares e o funcionamento do judiciário para que haja democracia. Os políticos não tocam na questão das “perdas internacionais”, como dizia Leonel Brizola, o último político anti-imperialista que existiu no Brasil. Isso significa que sob o signo do judiciário o imperialismo deixa de ser inerente ao capitalismo atual; trata-se apenas de uma contingência que pode ser evitada. A ciência política passa por cima do fato substancial

de que o imperialismo é um estágio econômico inerente ao capitalismo e, portanto, insuprimível.

Diana Pozzi – *O que seria politização de uma sociedade? A população brasileira, inclusive as assim chamadas elites*

e, particularmente, as intelectuais, seria politizada?

GV – A política é uma maneira de organizar os interesses de classes contraditórios, de modo que toda sociedade em sua essência está politizada. Acontece que normalmente ela é politizada pelos interesses das classes dominantes. Muitas vezes a ofensiva da direita, como está acontecendo atualmente, não significa que a sociedade esteja politizada. Lembro aqui a observação de Leon Trotsky, segundo a qual a sociedade atinge o máximo de conflito com a greve geral e a revolução, trata-se de um ponto culminante da luta de classes, mas isso não significa que com a ausência de greve e revolução estaríamos em um regime social tranquilo e sem conflitos políticos. Evidentemente a classe dominante, prefiro esta expressão que elite, que é muito edulcorada, nunca se mantém indiferente em relação aos dominados. O domínio do capital se faz por todos os poros da sociedade, quando a classe operária se

organiza em função dos seus interesses legítimos, imediatamente a classe dominante a criminaliza, chamando-a de canalha operária, como dizia Marx em O Capital. Isso porque a sociedade capitalista pressupõe a subordinação do trabalho ao capital. Os intelectuais, como dizia Darcy Ribeiro, são uma matéria extremamente corruptível. O intelectual, se não abandona sua classe de origem, em geral burguesa ou pequeno burguesa, converte-se em um laiaio ou um cipayo dos interesses das classes dominantes. Em se tratando de Brasil, esses interesses são uma combinação da burguesia bandeirante com os estamentos multinacionais. Isso porque a classe dominante no Brasil não é a burguesia brasileira, a burguesia brasileira é uma força auxiliar dos gerentes multinacionais, cujos proprietários moram fora do país. A parceria da burguesia nacional com as empresas multinacionais não traz progresso algum para o povo e o país, mas os intelectuais corrompidos fazem o elogio do capital estrangeiro como dinamismo do desenvolvimento.

O intelectual bem sucedido é aquele que se adapta ao aparato da classe dominante, que implica o aparato universitário e o midiático.

Waldenyr Caldas – *Como você vê os movimentos de massa que têm surgido em nosso país nos últimos três anos? Seriam eles reflexo de um maior nível de politização da sociedade brasileira?*

GV – Os movimentos de massa ocorrem de maneira disruptiva, refletindo em insatisfação, carência econômica, indignação contra o status quo, mas carecem de um elemento fundamental da atividade política: direção. Esta, em geral, é atributo de partido político, e o que nós observamos atualmente é a falta de partido político revolucionário com capacidade de direção. Se o partido está em crise, mais crise ainda existe nos movimentos de massa, os quais aparecem e desaparecem de forma volátil.

Suzana Avelar – *A cultura pode contribuir para uma*

politização da sociedade? Como isso está ligado ao presente que vivemos no Brasil?

GV – Há que se fazer uma distinção entre Cultura e Ideologia. A verdadeira Cultura está em conflito com a ordem dominante. Nesse sentido ela assemelha-se à ciência, cuja função é iluminar as coisas, lembro a frase lapidar de Karl Marx: “se a essência e a aparência das coisas se confundissem, não haveria necessidade da ciência”. Ao contrário da Cultura, que é motivada pelo valor de uso, a Ideologia é puro valor de troca que encobre a essência da sociedade. Hoje no Brasil estamos vivendo sob a opacidade ideológica representada pelos meios de comunicação de massa, sobretudo a telenovela, que é a rainha do Brasil, ou seja, a telenovela substituiu a mandioca, como dizia Luís da Câmara Cascudo, escritor do

Folclore que é criminosamente sabotado pelos professores universitários.

Diana Pozzi – *Educação seria importante para a politização? Como ela deveria ser exercida? Atendendo àqueles*

que estão no poder (como ocorre com os americanos, ocorreu com os nazistas e ainda acontece com os de esquerda, comunistas que sequer distinguem Socialismo de Comunismo)?

GV – É um truísmo afirmar que a Educação é um fator de desenvolvimento do povo. Na verdade, a Educação, seu conteúdo, não deixa de ser expressão dos interesses da classe dominante. Evidentemente, como mostrou Darcy Ribeiro, nós devemos apoiar toda política que objetive colocar todas as crianças na escola, mas esse objetivo é absolutamente impossível sob a vigência do subdesenvolvimento capitalista, eu diria até que uma Universidade Nacional é impossível num país em que a ideia da nação não se completou. A Universidade se nutre da ideologia multinacional, tanto é que se for passado um pente fino, a universidade brasileira pouco contribuiu para a elaboração de uma teoria do atraso brasileiro e de sua superação. Os últimos

intelectuais que tentaram dar algum lustro para a teoria sociológica do subdesenvolvimento foram Ruy Mauro Marini e Álvaro Vieira Pinto, por sinal dois intelectuais marxistas que a nova geração de hoje não conhece. O que a nova geração conhece são as flores retóricas de uma ciência social decadente que apregoa que a multinacionalidade ajuda o país subdesenvolvido a desenvolver-se. Em outras palavras, a indústria nacional deve submeter-se ao controle da corporação multinacional, que é a instituição chave do capital financeiro.

Diana Pozzi – *Nos países nórdicos, como Dinamarca e Finlândia, que têm dado importância à educação e onde a desigualdade socioeconômica é menor, isto não estaria relacionado à educação e uma melhor politização da sociedade?*

GV – Evidentemente, a pressão política interfere no maior ou menor nível educacional da sociedade. Isso pressupõe que a educação em si não é um fator determinante na dinâmica da sociedade; em outras palavras, a educação não é o motor da história, como tem sido alardeado por todos os partidos políticos, quer da direita, quer da esquerda. O próprio Banco Mundial hoje se arvora a defensor da educação. Não há ninguém que se insurja contra a educação, porém a educação hoje se tornou uma ideologia, no sentido marxista do termo, ou seja, uma mistificação. Aqui no Brasil tivemos um exemplo notório de educador, que foi Darcy Ribeiro, discípulo de Anísio Teixeira. Darcy Ribeiro concebeu a Universidade de Brasília e os CIEP's (Centro de Educação Pública Integrada), mas ele, em nenhum momento, chegou à conclusão de que, num país subdesenvolvido e submetido à dominação imperialista, poderia universalizar a educação, assim como seria impossível uma universidade nacional em um país que não controla o seu destino econômico e político.

Primavera Borelli – *A proposta de "escola sem partido", se aprovada, levará a que tipo de cidadãos e*

sociedade?

GV – Um cidadão completamente idiota, que é a negação da verdadeira cidadania. Aliás, é preciso fazer um reparo quanto ao uso abusivo da palavra cidadania que tomou conta dos estudos universitários. Cidadania é uma palavra burguesa que pouco aparece no léxico marxista, este prefere falar em produtor. Com efeito, como falar em cidadão operário? O operário se destina a enriquecer o outro, portanto sua função não é exercer a cidadania de nada.

Christiane Wagner – *Brasil tem hoje uma grande participação da mídia, ou seja, uma grande "mediação" entre as forças: a sociedade e o poder. Nesse sentido, há quem suponha maior informação, transparência e maior cidadania para uma consciência política. Além disso, são muitas as ações em comum acordo com o Estado para subvenção de atividades, principalmente projetos culturais e artísticos, ao contrário das ações subversivas que prevaleceram na modernidade, na sociedade brasileira, sob um governo autoritário. Não é nesse caso que, desde o início do século XXI, sendo consensuais com o Estado, estaríamos aceitando a utopia da liberdade de expressão no seu sentido mais ingênuo para um ideal democrático?*

GV – A mídia no Brasil, palavra, essa, estrangeirada, que designa os meios de comunicação de massa, é o principal fator contra-revolucionário. A propósito, convém chamá-la pelo seu verdadeiro nome, segundo Theodor Adorno, que é Indústria Cultural, isto é, a cultura produzida pelos interesses das classes dominantes. Indústria da consciência. Indústria ideológica. Não seria descabido afirmar que o golpe de 64, cujo objetivo foi implantar as multinacionais no seio da produtividade brasileira, foi acompanhado da necessidade de construir uma televisão que legitimasse a entrega do país aos interesses imperialistas. A telenovela, por exemplo, funciona como uma arma para convencer (arma doce, sedutora e mistificada) os telespectadores de que o melhor caminho é prestar lealdade aos dominadores.

Diana Pozzi – *Ao mesmo tempo as redes sociais e as ONGs, como Avazz, change org, Greenpeace, têm feito campanhas e coletado adesões, que têm produzido resultados junto às classes dominantes. Os resultados obtidos pelos modernos meios de comunicação não se beneficiariam se houvesse uma participação ainda maior de pessoas educadas e críticas participantes da sociedade?*

GV – Não acredito. Essas agências estão a favor do capital, operam segundo os interesses da burguesia nacional ou internacional. Essa ideia de que as pessoas inteligentes poderiam colaborar para um alargamento do processo civilizatório não passa de um “sub-Iluminismo” que já foi criticado extensivamente por Adorno e Horkheimer, em seu livro *A Dialética do Iluminismo*, publicado em 1944, livro no qual está formulado o conceito de Indústria Cultural, que é o tópico essencial em qualquer discussão séria sobre educação.

Christiane Wagner – *A mídia, as redes sociais, tudo converge para uma recente e grande realidade, sobretudo mundial. Porém, as notícias e as imagens*

não são percebidas pela maioria com clareza. A noção do que se entende por verdade é dissimulada em relação à formação de opinião e aos critérios políticos. Nesse sentido, como é possível atingir o interesse político como processo de socialização brasileira em busca do conhecimento, da educação, dos direitos humanos para o respeito e participação de todos com igualdade?

GV – Theodor Adorno dizia que a televisão não manipula inteiramente as pessoas: a televisão apenas torna as pessoas aquilo que elas são. Meu amigo Cláudio Abramo, um dos últimos jornalistas idôneos do Brasil, dizia que a democracia só iria acontecer no Brasil quando todas as televisões privadas forem fechadas. Eu concordo inteiramente com isso, principalmente porque há no mundo da comunicação uma espécie de oligopolização latifundiária. Não podemos nos esquecer que apenas nove famílias dominam os meios de comunicação de massa, e isso é intocável, assim como é intocável o poder dos latifundiários. Jango caiu porque quis alterar esse poder, Dilma não quis alterar esse poder, mas caiu também.

NÃO HÁ NINGUÉM QUE SE INSURJA CONTRA A EDUCAÇÃO, PORÉM A EDUCAÇÃO HOJE SE TORNOU UMA IDEOLOGIA, NO SENTIDO MARXISTA DO TERMO, OU SEJA, UMA MISTIFICAÇÃO.

GILBERTO FELISBERTO VASCONCELLOS professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenador do laboratório audiovisual KIVIDEOBIOPSIKOMASSAFOLK, sociólogo com trabalhos na área de Cultura, Economia Política e Agricultura, atuando principalmente nos seguintes temas: Pensamento Social Brasileiro, Sociologia da Arte, Desenvolvimento, Energia e Folclore – e-mail: gilbertovasconcellos@yahoo.com.br

DIANA HELENA DE BENEDETTO POZZI professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e editora responsável da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: revistacultext@usp.br

WALDENYR CALDAS professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP

PRIMAVERA BORELLI professora titular da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (FCF-USP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP

SUZANA HELENA DE AVELAR GOMES professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EA-CH-USP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP

CHRISTIANE WAGNER professora de Ciências da Comunicação e Estética do Instituto de Artes da Universidade de Campinas, (IA-UNICAMP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP